

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST**

HILLARY BRUNA DE SOUZA DOS SANTOS

**AS METAMORFOSES COMO FUGA DE ASSÉDIO PRESENTES NA OBRA
“METAMORFOSES” DE OVÍDIO**

**TEFÉ – AM
2023**

HILLARY BRUNA DE SOUZA DOS SANTOS

**AS METAMORFOSES COMO FUGA DE ASSÉDIO PRESENTES NA OBRA
“METAMORFOSES” DE OVÍDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras, no Centro de Estudos Superiores
de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em Letras.

Orientadora: Dra. Maria Ozana Lima de Arruda

TEFÉ – AM

2023

HILLARY BRUNA DE SOUZA DOS SANTOS

**AS METAMORFOSES COMO FUGA DE ASSÉDIO PRESENTES NA OBRA
“METAMORFOSES” DE OVÍDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito final para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Aprovado em 21 de agosto 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Maria Ozana Lima de Arruda
Universidade do Estado do Amazonas – UEA
Orientadora

Macário Lopes de Carvalho Júnior
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Martinho Correia Barros
Instituto Federal do Amazonas – IFA

AS METAMORFOSES COMO FUGA DE ASSÉDIO PRESENTES NA OBRA “METAMORFOSES” DE OVÍDIO

METAMORPHOSES AS AN ESCAPE FROM HARASSMENT PRESENT IN THE WORK
METAMORPHOSES BY OVID

SANTOS, Hillary Bruna de Souza dos¹
ARRUDA, Maria de Ozana Lima²

Resumo: O presente artigo discute as personagens femininas presentes na obra *Metamorfoses* de acordo com a perspectiva da atualidade, objetivando evidenciar momentos em que as metamorfoses foram usadas por essas personagens como forma de fuga das tentativas de investidas advindas dos personagens masculinos, denominadas atualmente como assédio, tendo em vista as teorias feministas. A obra é analisada criticamente, de modo a não descredibilizá-la, mas sim trazer à tona a problemática do tratamento dado às personagens femininas. A análise parte do pressuposto de que a obra de Ovídio é um reflexo da sociedade da época em que foi escrita, e que a discussão sobre o papel da mulher na sociedade ainda é relevante nos dias de hoje. O artigo traz reflexões e contribuições para a discussão sobre a igualdade de gênero e o papel da mulher na sociedade contemporânea.

Palavras-chave:

Abstract: This article discusses the female characters in the work *Metamorphoses* from a contemporary perspective, aiming to highlight moments when the metamorphoses were used by these characters as a means to escape the advances of male characters, currently referred to as harassment, considering feminist theories. The work is critically analyzed, not to discredit it, but to bring to light the problematic treatment of female characters. The analysis assumes that Ovid's work is a reflection of the society of the time it was written, and that the discussion about the role of women in society is still relevant today. The article brings reflections and contributions to the discussion on gender equality and the role of women in contemporary society.

Keywords: Classical literature. Ovid. *Metamorphoses*. Female characters.

INTRODUÇÃO

A sociedade feminina como um todo ainda luta de forma incessante para obter seus direitos e manter os que já conquistaram, porém o meio em que vivemos se mantém

¹ Acadêmica do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail para contato: hillarybruna.santos04@gmail.com.

² Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail para contato: mlarruda@uea.edu.br.

imbricado em um sistema completamente machista e misógino que nos forçam a elevar mais e mais a voz para sermos ouvidas. Ainda assim, grandes passos foram dados ao longo do tempo, basta ouvir as histórias de nossas avós e mães para termos um parâmetro do quanto a sociedade vem evoluindo, não faz muito tempo desde que nossos corpos eram objetificados e as ideias ignoradas por advirem de um “cérebro inferior”.

A ideia de feminismo ainda é recente e malvista até pelas próprias mulheres, mas é essa visão moderna e fruto da luta feminina de muitos anos que nos permite olhar essas diversas situações sabendo o quão errado é. É essa perspectiva moderna que nos permite analisar músicas, produções audiovisuais e obras clássicas que impactaram toda uma indústria com o discernimento de que não seriam aceitos atualmente, bem como nos dimensionar parâmetros da sociedade descrita naquele momento.

Neste artigo, examinaremos as personagens femininas presentes na obra *Metamorfoses* de Ovídio sob uma ótica atual, levando em consideração a problemática do assédio que permeia a sociedade contemporânea. Abordaremos como algumas dessas mulheres, diante das circunstâncias adversas, buscam refúgio e transformação através da metamorfose. Além disso, exploraremos a forma como a obra retrata essas circunstâncias, trazendo a marca de como essas questões eram vistas na época em que foram escritas.

Por meio de uma análise interdisciplinar, que engloba literatura, história e estudos de gênero, buscaremos compreender as implicações dessas narrativas mitológicas no contexto atual, a fim de lançar luz sobre as experiências dessas personagens e com isso promover uma reflexão sobre as formas de resistência e superação do assédio. Ao fazê-lo, esperamos contribuir para a discussão contemporânea sobre a representação feminina na literatura.

A metodologia utilizada para a produção deste artigo teve como base a pesquisa bibliográfica. Iniciou-se com a definição do objeto de pesquisa, a saber, a obra *Metamorfoses* de Ovídio, com a leitura completa da obra a fim de identificar os estereótipos presentes nas representações das personagens; nossos objetivos são: investigar como essas representações afetam a construção da identidade feminina na sociedade atual, sempre contextualizando a obra com o período histórico e cultural em quem foi escrita e apresentar e analisar mitos que abordem a metamorfose como forma de fuga do abuso presentes na obra *Metamorfoses*. Escolhidos o objeto e os objetivos da pesquisa, houve a seleção do *corpus* da pesquisa, a partir da leitura do livro, em que foram selecionados os mitos mais significativos e pertinentes para o tema da pesquisa. Em seguida, a busca de artigos acadêmicos, em periódicos científicos e bibliotecas digitais, com o objetivo de localizar artigos e estudos que abordassem

o tema das transformações e trouxessem as teorias modernas que seriam usadas para embasamento. Com base nas informações coletadas, realizou-se a análise crítica dos mitos selecionados e transformações mitológicas presentes na obra, buscando compreender seu contexto histórico, temáticas recorrentes e possíveis significados simbólicos. A partir da análise e interpretação dos resultados, foram elaboradas discussões pertinentes sobre o papel das transformações e quais suas implicações no contexto atual, bem como a forma que as personagens eram retratadas. Todas as fontes utilizadas na pesquisa foram devidamente referenciadas de acordo com as normas acadêmicas estabelecidas.

1 OVÍDIO E OS MITOS NA SUA OBRA *METAMORFOSES*

Publius Ovidius Naso, mais conhecido como Ovídio, nasceu na cidade de Sulmona, na Itália, no ano 43 a. C em 20 de março, advindo de uma família abastada, motivo pelo qual recebeu uma educação de qualidade em Filosofia, Retórica e Literatura. Sua carreira como poeta teve início a partir de temas pastorais e amorosos, como as obras *As Heroidas* e *Amores*.

Em 8 a. C, Ovídio publicou *Metamorfoses*, no qual conta narrativas desde a cosmogonia, ou seja, desde a criação do mundo segundo a concepção greco-romana, até o momento histórico contemporâneo ao poeta. Nesse mesmo ano, Nasão foi exilado pelo imperador Augusto para a cidade de Tomis, por motivos até hoje desconhecidos, embora há quem diga ser

[...] possível afirmar que muitas pessoas em Roma tinham conhecimento acerca dos motivos de seu exílio, a ponto de tal notoriedade tornar supérfluo qualquer detalhamento, evitando-se, conseqüentemente, o risco de propagação da vergonha. De qualquer forma, o que muitos sabiam era que o poeta tinha, de alguma maneira, ofendido o imperador (COELHO, 2016, p. 42).

Isso porque se afirma que ele deixou pistas enigmáticas em uma das suas obras escritas no exílio, *Tristezas*, além da obra *Cartas do Ponto*, expressando a sua tristeza e desespero pelo exílio forçado, onde permaneceu até o fim de seus dias.

O legado de Ovídio é imenso e sua obra influenciou muitos escritores ao longo dos séculos. Ele foi um dos poetas mais lidos e estudados na Idade Média e no Renascimento, sua obra continua a ser uma referência na literatura até os dias de hoje.

Metamorfoses é uma obra clássica da literatura latina que contém mitos divididos em 15 livros, sobre deuses, heróis, mortais, abordando sempre um ponto em comum, as transformações, ou seja, as metamorfoses desses seres.

A obra contém diversas narrativas, das mais variadas abordagens, desde amor, até intrigas, traição, inveja, redenção, tudo seguindo a linha da mitologia greco-romana e que em muito contribuiu para a construção da identidade europeia. Ao longo da história, a cultura greco-romana foi vista como um modelo de excelência e sofisticação, com a qual muitos europeus se identificavam, servindo como referência para muitas outras narrativas, por exemplo, o mito de Píramo e Tisbe presente no livro IV (v. 55-166), em que dois jovens apaixonados eram separados por uma parede, por onde se comunicavam através de uma fresta. Os amantes decidem fugir juntos, porém um leão aparece na árvore que era o ponto de encontro, Tisbe se esconde e deixa o véu para trás e, por conta desse mal entendido, ambos os jovens são levados ao suicídio. Como sabemos, trata-se de uma história bastante similar a de Romeu e Julieta, peça teatral de William Shakespeare (1564-1616), amplamente conhecida até os dias de hoje.

Tendo em vista que a obra analisada é referente a mitos greco-romanos, é importante que apresentamos a visão de mito que adotamos, em que não terão significados remetidos à ilusão ou a mentiras, mas sim, com todo o respeito que merecem, visto que são sagrados para a cultura greco-romana, pois sabe-se que “compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos” (ELIADE, 2004, p. 6).

Os mitos são capazes de transmitir ensinamentos, valores e as crenças que são passadas de geração para geração, nos dando o vislumbre de uma sociedade. Segundo Eliade (2004, p. 9), “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”.

“Os mitos também transmitiam a cultura e a memória de um povo por meio de seus heróis e heroínas, os quais eram geralmente semideuses ou protegido dos deuses” (CARDOSO, 2015, p. 138). Além de nos passar a sabedoria de suas divindades, os mitos nos dão parâmetros de suas memórias através dos heróis representados ali. Por isso, a importância de serem retratados com seriedade e precisão, para evitar que sejam mal interpretados ou distorcidos, o que poderia levar a situações e conclusões equivocadas. A seriedade no que se refere ao trabalho com os mitos pode contribuir para que sejam valorizadas e respeitadas a cultura de todo um povo como seu patrimônio cultural, não sendo tratada de forma leviana como meras histórias fantásticas.

Cardoso (2015, p. 135) ainda afirma que

Os homens são contadores de histórias. Desde o momento em que aprenderam a falar e a transmitir seus conhecimentos, criaram grandes epopeias, longas canções, romances e novelas. Essas narrativas, passadas de boca em boca para mais tarde serem escritas, mantiveram e mantém, constantemente, o mistério e o maravilhamento da humanidade diante da vida e do mundo por ela habitado.

Os mitos greco-romanos desempenham um papel fundamental na formação da cultura e da identidade ocidental. Desde a antiguidade, essas histórias fantásticas e envolventes foram transmitidas de geração a geração, acabando por se tornar um elemento central da literatura, da arte e da filosofia do mundo ocidental. As histórias contêm aventuras épicas de deuses e heróis, seus conflitos dramáticos, sendo assim, fontes inesgotáveis de inspiração para escritores, poetas e artistas, desde que foram criados até a atualidade.

Além disso, os mitos greco-romanos mostram sua importância para a formação da moral e dos valores ocidentais. Através dessas histórias, as pessoas aprendiam sobre virtudes como coragem, lealdade, justiça e sabedoria, bem como sobre vícios como inveja, orgulho e luxúria, mostrando que, como afirma Andrade (2017, p. 12), “o mito também tem seu papel educativo-civilizador e principalmente como papel do homem velho em zelar para que a integridade de sua comunidade seja preservada”.

Assim, podemos concluir que os mitos greco-romanos são um elemento crucial para a cultura e identidade ocidental, a sua influência pode ser sentida praticamente em todas as áreas da vida cultural e intelectual do mundo ocidental, inclusive a moldar a percepção das histórias de amor, tendo um papel de suma importância para certos enredos romantizados.

2 METAMORFOSES COMO FORMA DE FUGA

Dentre as influências que os mitos greco-romanos legaram à cultura ocidental está, a nosso ver, a romantização das histórias de amor, um tema que tem sido explorado na literatura há séculos, estando presente desde a nossa infância, quando somos acostumados a ver esse modelo em histórias de contos de fadas, com a figura feminina indefesa a espera de um personagem masculino que a salve para que possa ter finalmente uma prova de felicidade, visto que o termo “feliz para sempre” está condicionado a isso, pois

Muitos contos objetificam a mulher como um instrumento para o amor, matrimônio e submissão ao homem, sendo esta realidade, uma constante também no mundo contemporâneo, pois da mesma forma desses contos de fada, o homem é continuamente supervalorizado, colocado em uma posição elevada em relação à mulher. (SILVA & RODRIGUES, 2021, p. 2)

Ao longo do tempo, a romantização das histórias de amor tem sido retratada de várias maneiras. Na literatura clássica, o amor muitas vezes era representado como um sentimento divino, um elemento fundamental que conectava seres humanos e deuses, através da representação do deus Eros. Segundo Braz (2004, p. 64-65), Eros é uma divindade cuja responsabilidade é destinada a unir seres romanticamente, representando grande influência sobre a natureza e com uma energia avassaladora, forte e mágica: o amor.

É importante notar que a romantização das narrativas amorosas muitas vezes apresentam uma visão idealizada e irreal do amor, visão essa que pode muitas vezes obscurecer as questões mais complexas que cercam os relacionamentos amorosos, como a desigualdade de gênero, o abuso tanto emocional quanto físico, entre outras formas de opressão.

A busca do amor ideal geralmente aceita pelas ideologias de massa, trata que estar apaixonado e se entregar de forma completa. De modo que esta crença na relação perfeita e responsável por uma errônea concepção de que o amor leva as pessoas a se entregarem em situações reais de dependência e subjugação dentro do casal, geralmente atribuída à figura feminina. (MARTINS, SANTOS, NETO, & ACÁCIO, 2022)

Quanto à literatura moderna, com o passar do tempo, a narrativa do amor evoluiu para se tornar mais realista e menos idealizada. O amor passa a ser retratado como um relacionamento complexo e cheio de altos e baixos, com diversos desafios a serem superados. As personagens femininas modernas estão em um momento de construção em passam a ser retratadas como mais independentes e fortes, capazes de tomar suas próprias decisões e lutar por seus objetivos, ganhando suas batalhas.

No entanto, mesmo com essa evolução da narrativa, a romantização das histórias de amor ainda é uma força poderosa na cultura popular. Filmes de comédia romântica, por exemplo, continuam sendo um dos gêneros mais populares do cinema, cheios de declarações de amor, alimentando a romantização do amor em nossas vidas cotidianas. Principalmente no quesito feminino, pois “atravessadas por essas crises, muitas mulheres perdem a capacidade de enxergar o quão nocivo é o relacionamento em que estão envolvidas, naturalizando as atitudes de seu abusador e acreditando que isso seja normal entre os relacionamentos.” (AMARANTE, 2020, p. 314)

Embora as narrativas amorosas tenham evoluído ao longo do tempo para se tornar mais realista e menos idealizada na literatura moderna, a romantização amorosa ainda é uma força constante e poderosa na cultura popular atual.

Nas *Metamorfoses* de Ovídio, a perspectiva do amor é apresentada de maneira intensa e dramática, principalmente através das personagens femininas, cujas histórias, quando se cruzam com o amor, geralmente não trazem a calma de um “final feliz”. As histórias de amor na obra são cheias de drama e emoções, tendo conflitos que muitas vezes acabam por resultar em transformações físicas, as metamorfoses, ou na morte.

Ovídio também nos apresenta diversas histórias de amor que são retratadas de maneira heroica e apaixonante. Em alguns casos, os personagens são retratados de forma idealizada, capazes de superar todos os obstáculos para ficarem juntos, mesmo que isso signifique sacrificar tudo e qualquer coisa que têm. Esse tipo de romantização do amor pode ser observado em histórias como a de Orfeu e Eurídice, presente nos versos 1-85 do livro X, em que Orfeu desce ao submundo para trazer sua amada de volta à vida, ou mesmo no já referido episódio de Píramo e Tisbe. Isso é comum na literatura, mostrar o amor como um “sentimento que vence todos os subterfúgios da vida e proporciona, em sua maioria, o conhecido ‘felizes para sempre’” (MARTINS, SANTOS, NETO, & ACÁCIO, 2022, p. 105).

Especificamente quando à obra *Metamorfoses*, é necessário adotar uma perspectiva crítica com relação a idealização do amor e a forma como o autor o apresenta. Embora esses mitos sejam fascinantes e emocionantes, precisamos nos questionar o tipo de mensagens que repassam e reconhecer que o amor real é muito mais complexo do que é retratado em tais histórias.

A literatura tem sido utilizada como forma de expressão para aqueles que sofreram traumas e abusos, e as transformações presentes nas *Metamorfoses* de Ovídio podem ser utilizadas como forma de explorar essa temática de maneira velada, pois assim como em diversas obras conhecidas, vemos que “o papel masculino utiliza-se de sua posição construída em uma estrutura arcaica para subjugar a figura feminina em grande parte das relações, estabelecendo uma relação tóxica, sádica e submissa” (MARTINS, SANTOS, NETO, & ACÁCIO, 2022, p. 108)

O conceito de transformações, metamorfoses, é obviamente bem recorrente nas *Metamorfoses* de Ovídio, as transformações de personagens em animais ou mesmo plantas é uma forma de representar a mudança e a evolução, mas também pode ser vista como uma forma de fuga do abuso e do assédio.

Ao longo da história, as mulheres têm sido vítimas de abuso e opressão, e as transformações vistas nas *Metamorfoses* podem ser vistas como forma de escapar dessas

situações. Ao se transformar em plantas ou animais, por exemplo, as personagens femininas podem escapar da violência masculina e encontrar uma forma de proteção.

A relação entre metamorfose e abuso pode ser observada em diversas histórias da obra. Por exemplo, a história de Io, a sacerdotisa que despertou o desejo de Zeus, sendo transformada em uma vaca para ocultá-la da esposa Hera que exige a vaca como presente, a colocando sob a guarda do monstro de cem olhos, Argos. Mesmo após liberta, Io não se livra da perseguição de Hera, que envia um inseto para picá-la e persegui-la, a fazendo vagar o mundo todo. Esse mito, por sua vez, explora a dinâmica de poder e violência de gênero, deixando claro que Io precisa lutar em dobro, para escapar do desejo e possessividade masculina, assim como dos ciúmes e da rivalidade feminina, ainda assim persistindo o trauma mesmo após a aparente liberdade.

Essa transformação em animais e plantas também pode ser vista como uma metáfora para a posição das mulheres na sociedade, como o fato de serem constantemente subjugadas e sem voz e a análise dessas transformações pode fornecer uma compreensão mais profunda das perspectivas modernas sobre as personagens femininas na literatura clássica e como essas perspectivas mudaram ao longo do tempo.

2.1 Apolo e Dafne

O primeiro mito a ser analisado é “Apolo e Dafne”, do livro I das *Metamorfoses* (v. 452-567). Nele, é narrado como Apolo, o deus do sol, se apaixonou por Dafne, uma ninfa. Apolo foi atingido por uma flecha de amor do Cupido, após desdenhar de suas habilidades com as flechas, se encantando então por Dafne, enquanto ela foi atingida por uma flecha que causa repulsa, e passa a sentir aversão ao deus sempre fugindo de suas investidas (*Met.* 1.452-480). Desesperado pela rejeição e não tendo seu amor correspondido, Apolo perseguiu Dafne pelos bosques, até que a ninfa entra em desespero e suplica ao pai, Peneu, para que a ajude, sendo transformada em uma árvore de loureiro para escapar do deus (*Met.* 1.404-558). Apolo lamenta a perda de sua amada e decide adotar o loureiro como sua árvore sagrada, usando de suas folhas para fazer coroas de louro que enfeitariam sua cabeça e futuramente seriam dadas como prêmios a atletas e poetas (*Met.* 1.557-567).

Dafne é retratada como uma personagem vulnerável, assediada por Apolo, que a deseja sexualmente. Ainda que naquela época não fosse retratada como um crime, sua busca desesperada por uma forma de escapar dessa perseguição reflete a realidade de muitas mulheres nos dias de hoje, pois o deus não aceita as negativas da garota, mesmo quando ela

foge desesperada de suas tentativas. Ela é tida como uma presa indefesa, como no trecho a seguir (*Met.* 1.505-507):

*sic agna lupum, sic cerua leonem,
sic aquilam pena fugiunt trepidante columbae,
hostes quaeque suos; amor est mihi causa sequendi.*

Foge assim a ovelha do lobo, assim foge a corça ao leão,
e, de asa trepidante, fogem assim as pombas à águia, cada qual
fugindo a seu inimigo. Eu tenho o amor como causa de perseguição³.

Mesmo vendo a amada fugir, Apolo não desiste, seja pelo poder da flecha do Cupido ou pela busca incessante de conseguir o que queria, ele ainda afirma que ela parecia bela, mesmo em fuga, afirmando estar apaixonado, e coloca o seus sentimentos amorosos como justificativa para os seus atos. Uma infeliz coincidência com a realidade em diversos casos nos quais o assediador justifica seus abusos como prova de amor. A fuga de Dafne é vista com um olhar diferente pelo deus, a colocando em uma posição de beleza mesmo em situação desesperadora (*Met.* 1.527-530).

*tum quoque uisa decens. nudabant corpora uenti,
obuiaque adversas uibrabant flumina uestes,
et leuis impulsos retro dabat aura capillos;
aucta forma fuga est.*

E ainda então lhe parecia bela. O vento desnudava-lhe o corpo
e o sopro contrário lançava-lhe para trás os vestidos.
Uma leve brisa repuxava-lhe os cabelos para as costas.
A fuga realçava a sua beleza.

Percebamos que Ovídio cria uma imagem da fuga de forma completamente romantizada, pois pinta uma imagem bonita da jovem dama bela correndo em fuga, detalhando o vento em seu corpo, a forma como seus cabelos ficavam belos enquanto corria, mascarando o fato de que a jovem está em desespero, mascarando o quadro de uma garota amedrontada e desesperada para escapar de seu assediador. Essa maneira bela de descrever sua fuga ajuda a criar a imagem romantizada dessa história, tornando a situação mais favorável a Apolo e justificando seus atos.

A garota percebe que não conseguiria se livrar do deus e por isso recorre ao pai, tendo como último desejo a sua transformação, para que não fosse atacada pelo seu perseguidor.

³Todas as traduções das Metamorfoses são de Domingos Lucas Dias (OVÍDIO, 2017) .

*'fer, pater' inquit 'opem, si flumina numen habetis;
qua nimium placui, mutando perde figuram.'
uix prece finita torpor grauis occupat artus;
mollia cinguntur tenui praecordia libro;
in frondem crines, in ramos bracchia crescunt;
pes modo tam uelox pigris radiciibus haeret;
ora cacumen habet: remanet nitor unnus in illa.*

“Pai! Socorro! Se é que vós, os rios, tendes algum poder divino, destrói e transforma esta aparência pela qual agradei tanto.”
Mal havia acabado a prece, invade-lhe os membros pesado torpor, seu elegante seio é envolvido numa fina casca, cresce-lhe a ramagem no lugar dos cabelos e os ramos no lugar dos braços.
O pé, tão veloz ainda agora, fica preso qual forte raiz.
A sua cabeça é copa de árvore. Só o brilho se mantém. (Ov. *Met.* 1.545-552)

A transformação de Dafne é vista aqui como uma metáfora da fuga de um abuso, representando a busca por uma forma de proteção e resistência do controle masculino. Ao se transformar, a garota escapa tanto fisicamente quanto emocionalmente da opressão de Apolo, uma vez que não está mais sujeita às vontades e desejos de um homem.

Sob a perspectiva atual, a transformação pode ser considerada como uma crítica a objetificação da mulher, posto que Dafne é vista como um objeto de desejo de Apolo, tendo seus desejos e necessidades subjugados ao da figura masculina. A garota é retratada como uma presa vulnerável, incapaz de se livrar de Apolo, tendo a metamorfose como último subterfúgio. Além disso, em determinado momento de seu desespero, Dafne culpa a si mesma por ter aquela aparência que tanto agradava, jogando para si a responsabilidade do assédio, uma descrição cruel com a realidade, tendo em vista que as vítimas costumam culpabilizar-se, suas roupas, seus trejeitos e até mesmo como andar. Dafne, infelizmente, já tinha esse pensamento há séculos, trazendo a representação feminina da culpabilidade desde muito tempo. Vemos constantemente casos em que as vítimas recorrem a medidas extremas para escapar da violência, isso pode incluir mudar de residência, alterar a aparência física ou até mesmo mudar de identidade para se protegerem, justamente a medida desesperada que a Dafne toma.

Seu único desejo era ser livre de Apolo e mesmo em forma de árvore, mesmo que tenha passado pela metamorfose, infelizmente não foi atendida, pois esse amor que o deus sentia persistiu e ele afirma

*[...] at quoniam coniunx mean non potes esse,
arbor eris certe' dixit 'mea; semper habebunt
te coma, te citharae, te nostrae, laure, pharetrae.*

[...] Já que não podes ser minha mulher,
serás certamente a minha árvore. Estarás sempre, loureiro,
na minha cabeça, na minha cítara e na minha aljava. (*Ov. Met.* 1.557-558).

A persistência de Apolo em usar as folhas de loureiro mesmo após a transformação de Dafne demonstra insensibilidade pelos desejos da moça, ressaltando o quão obcecado ele estava pela ninfa, podendo até ser visto como uma representação da obsessão e falta de consentimento, fato esse que foi romantizado por séculos, visto que esse ato de carregar as folhas de Dafne-árvore era visto como uma demonstração de amor e não como desrespeito pelas vontades dela.

O mito de Apolo e Dafne nos apresenta uma situação em que o assédio é romantizado e normalizado. Apolo, o deus do sol, é retratado como um amante apaixonado, enquanto Dafne é vista como a figura desejada e perseguida. Essa romantização do assédio é refletida na forma como o mito é contado, como uma história de amor, em que a narrativa do homem perseguidor é vista como uma prova de amor, enquanto os consentimentos e os limites da mulher são ignorados.

Essa representação reflete as atitudes e expectativas em relação às mulheres naquela época, na qual a ideia de conquista masculina era exaltada, mesmo alcançar tal objetivo significasse ignorar os desejos e os sentimentos femininos. Infelizmente, essa romantização do assédio não é exclusiva da antiguidade e ainda persiste nos dias de hoje. A tendência é retratar situações similares como algo romântico ou um sinal de afeto. Essa atitude minimiza a importância do consentimento e dos limites pessoais, perpetuando um ambiente em que o assédio não é levado a sério.

2.2 Pã e Siringe

O segundo mito a ser analisado é “Pã e Siringe”, também do livro I das *Metamorfoses* (v. 689-746), no qual temos a história do deus Pã, metade homem e metade bode, e da ninfa Siringe. Pã se apaixona pela ninfa e tenta seduzi-la, mas ela o rejeita e foge para a floresta (v. 698-703). Perseguida por Pã, Siringe pede ajuda aos rios e deuses da natureza, que a transformam em um conjunto de canas. O deus, frustrado, corta as canas e cria a flauta de Pã a partir delas (v. 704-714). Assim, o mito explica a origem da flauta e a ligação de Pã com a música.

Quando analisado à luz das perspectivas modernas, esse mito revela temas importantes relacionados à fuga de assédio, abuso psicológico e à maneira como a mulher era

historicamente vista como inferior e estando somente a disposição para matrimônio e servir às figuras masculinas. Quando há a negativa, simplesmente é ignorada e perseguida, pois suas vontades não importam, desde que cumpram o papel esperado pelos homens.

Um aspecto importante a ser considerado é a temática da fuga de assédio. No mito, Siringe é perseguida por Pã, que deseja possuí-la por conta de sua beleza que sempre encantou aos sátiros. Ela, no entanto, era seguidora de Diana, prezando pela castidade e virgindade, negava a todos os que se encantassem por ela.

*[...] nymphae Syringa uocabant.
nom semel et satyros eluserat illa sequentes
et quoscumque deos umbrosaue silua feraxque
rus habet. Ortygiam studiis ipsaque colebat
uirginitate deam; (Met. 1.691-695)*

[...] As outras ninfas chamavam-lhe Siringe.
Não fora só uma vez que iludira os sátiros que a seguiam
e quantos deuses há na espessa floresta e nos férteis campos.
Honrava pelo exercício e pela virgindade, a deusa Ortígia.

Pã se enamora por Siringe, que recusa seus avanços e busca refúgio na floresta, mostrando com essa narrativa a representação arquetípica de uma mulher tentando escapar de um assediador. Mostra ainda como a rejeição dos avanços indesejados pode levar à busca de proteção e segurança em ambientes isolados.

*[...] Pan uidet hanc pinuque caput praecinctus acuta
talia uerba refert' – restabat eura referre,
et precibus spretis fugisse per auia nympham
donec harenosi placidum Ladonis ad amnem
uerint; hic illam cursum impredientibus undis
ut se mutarent liquidas orasse sorores. (Met. 1.699-704)*

[...] Pã, de cabeça coberta com a pontiaguda ramagem
do pinheiro, a vê e lhe dirige essas palavras...” Faltava referir
o discurso e dizer que a ninfa, insensível às suplicas,
fugira a direito até chegar à tranquila corrente do arenoso Ládon;
que aí, impedindo-as as águas de prosseguir a fuga,
pedira às suas líquidas irmãs que a metamorfoseassem;

Temos novamente o fato de a figura masculina não aceitar as recusas e mesmo após as negativas da mulher, mesmo metamorfoseadas em algo diferente de um ser humano, não aceitam que as perderam e foram rejeitados, levando um pedaço do que restou delas consigo, podendo ser tido como um prêmio de outra conquista. Neste mito, Siringe se transforma em canas e soltava suspiros quando os ventos a tocavam, Pã toma essas canas para si e transforma

em sua flauta, outro caso em que um ato de violação às vontades da mulher é romantizado e visto como um ato de amor.

[...] Panaquee, cum prensam sibi iam Syringa putaret,
corpore pro nymphae calamos tenuisse palustres,
dumque ibi suspirat, motos in harundine uentos
effecisse sonum tenuem similenque querenti,
arte noua uocisque deum delcedine captum
'hoc mihi conloquium tecum' dixisse 'manebit'
atque ita disparibus calamis compagine cerae
inter se iunctis nomen tenuisse puellae. (*Met.* 1.705-712)

[...] Pã, julgando ter já Siringe abraçada,
em vez do corpo da ninfa tinha as canas da ribeira;
e enquanto aí soltava suspiros, o vento, ao passar nas canas,
produzira um somido leve e semelhante a um lamento;
e que o deus, tocado pela nova arte e pela suavidade do som,
havia gritado: “Ficará para sempre entre nós esta ligação”;
e que, assim, de canas de tamanho desigual, entre si ligadas
por meio de cera, se perpetuara o nome da ninfa.

O mito também aborda o tema do abuso psicológico, pois o deus usa de sua autoridade de deus para tentar manipular Siringe, fazendo-a sentir medo e ansiedade, a aterrorizando para a floresta. Essa forma de abuso é uma representação de como o poder pode ser exercido para subjugar e controlar uma pessoa, nesse caso uma mulher. O mito acaba por revelar a dinâmica desigual entre homens e mulheres, destacando como a manipulação emocional pode ser usada para controlar e intimidar.

Há também o fato de que a ninfa, representação feminina nesse mito, é retratada como inferior, uma figura frágil, cuja única opção é fugir e se proteger, nos trazendo uma reflexão de visão histórica da representação feminina como vulnerável e dependente da proteção masculina, além de ser subjugada pela força dele. É uma ilustração das normas de gênero e da hierarquia social que colocava as mulheres em posição de submissão e inferioridade.

O mito em questão, visualizado por meio de perspectivas mais modernas sobre a hierarquia de gênero, destaca questões relacionadas à fuga de assédio, abuso psicológico e representação da mulher como ser inferior nos ajudando a compreender como mitos antigos podem refletir e perpetuar dinâmicas de poder desequilibradas e injustas, que infelizmente perpetuam até hoje, visto que ainda persiste o pensamento de que a mulher deve ser submissa à figura do homem, exibindo delicadeza, fragilidade e a mercê de sua proteção.

A história de Pã e Siringe nos apresenta outra narrativa em que o assédio é romantizado e normalizado. Pã, o deus grego dos bosques e da natureza selvagem, se apaixona por Siringe, uma ninfa. Nesse mito, vemos um padrão similar ao de Apolo e Dafne, onde o desejo do homem fica acima dos da mulher.

Pã persegue Siringe com insistência, desejando possuí-la. Siringe, sentindo-se ameaçada e sem alternativas, pede ajuda para escapar do assédio, transformando-se em canas, como uma forma de fuga de Pã e para preservar a sua integridade.

Assim, ao retratar Pã como um amante apaixonado e colocar a responsabilidade de evitar o assédio sobre Siringe, o mito perpetua a ideia de que a perseguição persistente é aceitável, mesmo quando não desejada pela outra pessoa e sendo vista como um ato de um romântico apaixonado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das personagens femininas nas *Metamorfoses* de Ovídio, sob uma perspectiva moderna, revela uma visão mais crítica e complexa dos atos dos deuses e sua relação com as mulheres retratadas na obra. Ao contrário da romantização tradicional desses episódios, percebemos que os deuses exerciam sua autoridade de forma opressiva e persistente, mesmo diante da recusa e negativa das moças envolvidas. A metamorfose, então, emerge como uma estratégia de fuga e resistência contra o assédio.

Ao observar a trajetória das personagens analisadas, de Dafne, que se transforma em uma árvore de loureiro, e de Siringe, que se metamorfoseia em canas, percebemos que essas mulheres encontram na transformação uma maneira de escapar do controle e da opressão masculina. No entanto, mesmo em suas tentativas de fuga, elas não estão completamente livres das consequências, pois os deuses levam consigo um pedacinho delas, como se não aceitassem a derrota e quisessem manter esse vínculo de posse, o prêmio pela conquista.

Sabe-se que o mito é uma narrativa mitológica que reflete conceitos e valores da época em que foi criado. Na mitologia grega, o comportamento de Apolo é muitas vezes retratado como impulsivo e nessa história ele é guiado por seus desejos. Porém, olhando o mito sob a ótica atual, ele pode ser visto como uma alegoria para questões contemporâneas, como assédio sexual e a importância do consentimento. A perseguição de Apolo e a transformação de Dafne é uma representação simbólica do assédio e da falta de respeito pelos limites femininos. No contexto atual, o mito pode ser adotado como um lembrete de que o

consentimento é fundamental em todas as interações humanas, ressaltando a necessidade de respeitar os limites pessoais e reconhecer que ninguém tem o direito de forçar ou perseguir outra pessoa contra a sua vontade.

Essa dinâmica revela uma realidade preocupante: por muito tempo, essas situações foram normalizadas e interpretadas como atos de amor ou paixão, desprezando o consentimento das personagens femininas. A análise crítica sob uma ótica moderna nos permite questionar essas concepções e reconhecer a violência presente nessas relações desiguais de poder e que infelizmente persiste em situações atuais.

Através dessa reflexão, podemos compreender melhor as experiências das mulheres na sociedade contemporânea, onde o assédio e a opressão ainda persistem. A obra de Ovídio nos convida a repensar as narrativas antigas e a desafiar os padrões estabelecidos, promovendo uma visão mais consciente e empoderada da representação feminina na literatura.

Ao finalizar esta análise, reconhecemos a importância de trazer à tona essas perspectivas modernas sobre as personagens femininas nas *Metamorfoses*. Ao explorar as formas de fuga, resistência e transformação encontradas por elas, somos instigados a questionar as estruturas de poder presentes na sociedade e a lutar por uma realidade em que todas as mulheres possam exercer sua liberdade e autonomia plenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Alice Cáritas Almeira. *A Romantização do Abuso pelas Histórias de Ficção. Gênero na Amazônia*, 2020.

ANDRADE, Rafaela Pereira. **Parintineida: Heranças greco-romanas**, Parintins, 2017.

BRAZ, Ana Lucia Nogueira. **Origem e significado do amor na mitologia greco-romana**. Campinas, 2004.

CARDOSO, Anna Carolyna Ribeiro. **Mitos, Contos de fadas e a Educação de Jovens. Linguagem, Literatura e Ensino: Desafios e possibilidades**.

COELHO, Ana Lucia Santos. **Naso Magister erat: A biografia de Públio Ovídio Naso**. *Revista Mundo Antigo*, 2016, 37-46.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, São Paulo: Perspectiva.

MARTINS, Victor Hugo Silva; SANTOS, Kassiane Lins dos; NETO, Fernandes Fortes Melro & ACÁCIO, K. H. **Relações abusivas e a romantização literária**. *Ciências Humanas e Sociais*, 2022, 103-113.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução, Introdução e Notas de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

SILVA, Patrícia Vieira, & RODRIGUES, Emer Merari. **A ROMANTIZAÇÃO NOS CONTOS DE FADA: A REPRESENTAÇÃO DA INFERIORIDADE NAS MULHERES**. *Revista Científica Novas Configurações - Diálogos Plurais*, 2021 01-14.